

Pesquisa lingüística junto a grupos indígenas brasileiros de contato recente

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (LALI, PPGL – UnB)¹
Marina Maria Silva Magalhães (LAL, PPGL – UnB)
Sanderson de Castro Soares de Oliveira (LALI, PPGL – UnB)
Carolina Coelho Aragon (LALI, PPGL –UnB)

0. Introdução

Neste artigo² tecemos algumas observações sobre a pesquisa lingüística com grupos indígenas brasileiros de contato recente, tendo em vista contribuir para a melhor compreensão das dificuldades enfrentadas nesse tipo de pesquisa, em que nem todos os procedimentos adotados em outras situações de pesquisa e de documentação lingüística são aplicáveis.

Grupos indígenas de contato recente são os que vivem sob a proteção da Coordenação Geral de Índios Isolados da FUNAI, em terras indígenas demarcadas e/ou homologadas, mantendo contato mínimo com pessoas alheias à FUNAI ou a instituições que com esta cooperam na proteção dos índios e de suas terras. As observações aqui apresentadas foram colhidas da experiência de cada um dos autores deste trabalho junto aos seguintes grupos indígenas: Zo'é (Ana Suelly A. C. Cabral), Guajá (Marina M. S. Magalhães), Korúbo (Sanderson S. C. de Oliveira) e Akuntsú (Carolina C. Aragon). Com exceção dos Guajá, alguns de cujos grupos já mantêm contatos mais estreitos com regionais, os demais continuam com contatos restritos a agentes de saúde e funcionários da FUNAI e, ocasionalmente, com outros profissionais.

1. Notas sobre os Zo'é, Guajá, Korúbo e Akuntsú e suas respectivas línguas nativas

Antes de procedermos à discussão sobre as peculiaridades da pesquisa de campo junto a índios de contato recente, faremos breves considerações sobre os grupos indígenas com os quais os autores deste estudo vêm trabalhando e sobre suas respectivas línguas nativas.

¹ Pesquisadora PQ2/CNPq.

² Os autores deste estudo agradecem à Coordenação Geral de Índios Isolados da FUNAI, especialmente a Elias Bigio, Welligton Figueiredo, João Carlos Lobato, Rieli Franciscato, Marcelo dos Santos, e Altair Algayer, pela inestimável ajuda, ensinamentos e confiança depositada. Agradecem igualmente a Aryon D. Rodrigues de quem têm o privilégio de receber sólidos ensinamentos.

1.1 Os Zo'é

Os Zo'é vivem na terra indígena denominada Frente Etnoambiental do Cuminapanema, situada entre os rios Erepecurú e Urucuriana, nos municípios de Óbidos e Alenquer, Estado do Pará. Segundo Cartagenes (2007:47), o histórico da presença dos Zo'é nesta região "... inclui contatos esporádicos, por vezes conflituosos, com elementos da população envolvente: mateiros, caçadores, castanheiros, e com índios de outras etnias,...". O contato definitivo dos Zo'é com não-índios ocorreu em 1987, conforme informado à FUNAI por representantes das Novas Tribos do Brasil, organização evangélica que, por iniciativa própria, promoveu o contato (cf. Galois 1993; Galois e Havt 1998; Havt 2001). Entre o período que marca a presença missionária em terras Zo'é (1987 a 1991), os Zo'é foram expostos a políticas que os forçavam a depender economicamente dos brancos e que inibiam suas crenças e práticas culturais tradicionais. Nesta época, a maioria dos Zo'é tendia a sedentarizar-se em torno da Missão, aldeia criada pelos missionários, em que estes se estabeleceram e para onde atraíam a população Zo'é. Segundo Cartagenes (2007:54), mesmo depois da saída dos missionários da área Zo'é, o processo de sedentarização dos Zo'é continuou, desta vez em torno do posto administrativo da FUNAI. Atualmente os Zo'é vivem em plena mobilidade dentro de sua área e fazem uso de um limitado número de bens industrializados (como ferramentas para a agricultura, pilhas, lanternas, espelhos, anzóis e fios de nylon), cuja distribuição e reciclagem são controladas pela FUNAI.

A língua Zo'é é um membro do sub-ramo VIII da família lingüística Tupí-Guaraní (Cabral 1996; Rodrigues e Cabral 2002). As evidências encontradas até o presente de uma proximidade maior do Zo'é com outras línguas do seu sub-ramo apontam para um grau de relacionamento mais próximo com o Emérillon, embora esteja na atualidade já bastante diferenciado deste.³

³ Foram publicados até o presente cinco artigos sobre a língua Zo'é, todos de autoria de Cabral. Três destes artigos versam sobre a fonética e fonologia Zo'é. Em um outro artigo, Cabral (1996b) reúne evidências para a classificação genética dessa língua na família lingüística Tupí-Guaraní. Aspectos morfossintáticos da língua Zo'é foram discutidos em Cabral (2007). Cabral apresentou em congressos três estudos sobre o Zo'é, dois deles sobre efeitos do contato com falantes do Português (2005a, 2005b) e outro sobre ordem de palavras em Zo'é (2007). Referências a aspectos fonológicos e morfossintáticos do Zo'é foram feitas em vários artigos publicados por Cabral, em colaboração com outros autores (Rodrigues e Cabral 2005; Cabral, Silva, Magalhães e Julião 2007, entre outros), e em dois artigos de autoria de Cabral (Cabral 2001a, 2001b). Além desses estudos, Cabral publicou um artigo em jornal sobre a língua Zo'é na família Tupí-Guaraní (Cabral 2008). Uma dissertação sobre aspectos da fonologia Zo'é, de autoria de Augusto B. S. Dionízio, foi defendida na Universidade de São Paulo, em 2003.

A pesquisa lingüística com a língua Zo'é foi iniciada em junho e julho de 1992. Durante os seis anos subseqüentes, a pesquisadora não obteve licença da FUNAI para atuar na área Zo'é, o que só foi obtido em outubro de 1999, quando pôde dar continuidade ao seu estudo. Foram realizadas até o presente oito idas à área Zo'é, que totalizam 253 dias de trabalho de campo, durante os quais foram registradas 147 horas de dados lingüísticos em áudio, e, destas, seis horas também em vídeo. Os dados consistem predominantemente em conversas sobre assuntos variados entre os Zo'é, entre eles e funcionários do posto, e em várias conversas com a participação da pesquisadora. Consistem ainda em relatos de diversas naturezas, induzidos ou não pela pesquisadora, cantos, falas proferidas durante situações especiais do dia-a-dia Zo'é, e palavras isoladas proferidas em respostas a perguntas feitas pela pesquisadora.

1.2 Os Guajá

Segundo Magalhães (2007:2), o termo Guajá é uma denominação externa, sendo a expressão pela qual se autodenominam, *awá*, por meio da qual se fazem contrastar com os *kamará* 'índios de outra etnia', *karaía* 'não-índios que falam português' e *karairyña* 'não-índios estrangeiros'. Atualmente, a população Guajá é de aproximadamente 400 pessoas, incluídos os membros dos grupos que vivem sem nenhum contato com outros povos. Os Guajá distribuem-se nas Terras Carú, Alto Turiaçu e Araribóia, localizadas no noroeste do estado do Maranhão.

A língua Guajá⁴ pertence ao subgrupo VIII da família lingüística Tupí-Guaraní, conforme a classificação interna desta família lingüística proposta por Rodrigues (1984/85) e a revisão da mesma proposta por Rodrigues e Cabral (2002). Segundo esses estudos, a língua Guajá é mais próxima geneticamente das línguas Takunyapé, Urubu-Ka'apor, Wayampí, Wayampipukú, Emérrillon, Amanayé, Anambé, Turiwára e Zo'é.

Conforme Magalhães (2007:2), os Guajá são ainda predominantemente monolíngües, embora alguns deles já tenham um relativo grau de compreensão do português, o que lhes permite comunicar-se nesta língua com os não-índios com quem matêm contato. Ainda segundo Magalhães (2007:2), atualmente, além de funcionários

⁴ Há duas dissertações sobre a língua Guajá, uma de autoria de Cunha (1987) e outra de autoria de Magalhães (2002). A primeira apresenta uma primeira análise fonêmica da língua e a segunda trata de aspectos fonológicos e morfossintáticos. Em 2007 foi concluída uma tese de doutorado sobre a morfossintaxe Guajá, de autoria de Magalhães. Magalhães publicou três artigos sobre esta língua, um de natureza fonológica (2006) e três de natureza gramatical (2005, 2007).

da FUNAI, vivem entre os Guajá, nas aldeias Awá e Tiracambú, duas professoras do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e, no Posto Indígena Guajá, um missionário da Associação Lingüística Evangélica Missionária (ALEM), que recebe apoio da Secretaria de Educação do Estado. A presença dessas pessoas em terras Guajá tem sido justificada junto à FUNAI pelas ações que desenvolvem para alfabetizar os índios em sua língua materna.

1.3 Os Korúbo

Os Korúbo vivem na Terra Indígena Vale do Javari, área extensa, que inclui territórios contíguos e em que vivem grupos isolados e outros grupos com contato já estabelecido. Estes últimos são os Korúbo, os Marúbo, os Matís, os Mayorúna (autodenominados Matsés) e os Kulína (todos estes falantes de línguas da família Pano), assim como os Kanamarí e os Tucano ou Djapá (falantes de línguas da família Katukína).

Tem-se conhecimento de dois grupos dos Korúbo, um dos quais foi contatado em 1997 e ficou conhecido como “grupo da Mayá”, constituído atualmente de 25 pessoas. Esse grupo se separou há aproximadamente 20 anos⁵ do grupo maior, que ainda se mantém em isolamento, embora apareçam voluntariamente, mas à distância. O grupo contatado está distribuído em duas aldeias, localizadas à margem esquerda do baixo rio Ituí. Um único jovem de nome Malevo é detentor de um conhecimento bastante rudimentar do Português.

Erikson (1994:20) relaciona os Korúbo aos Matís, baseado em afirmações feitas por índios Korúbo de que as duas línguas seriam exatamente a mesma. Segundo Erikson (1994), Korúbo, Mayá e Kulína Pano estariam mais proximamente relacionadas dentro do complexo Mayorúna, idéia esta considerada como plausível por Fleck (2003) e adotada também por Fleck e Ferreira (2004). Uma primeira comparação de palavras Korúbo com as de outras línguas do complexo Mayorúna encontra-se em andamento por um dos autores do presente estudo.

A primeira etapa da pesquisa lingüística da língua Korúbo foi realizada no período de 28 de julho de 2007 a 15 de março de 2008. Esta etapa foi interrompida por quatro saídas da área (20 dias, em setembro de 2007, um dia, no início de janeiro de

⁵ Cf. Franciscato (2000).

2008, sete dias em meados de janeiro de 2008 e dois dias em fevereiro de 2008). Durante esses seis meses não foi possível para o pesquisador permanecer todo o tempo nas aldeias, tendo tido que alternar entre estas e a base da Frente de Proteção Etno-Ambiental Vale do Javari (FPEVJ), principalmente devido às peculiaridades da situação de contato recente dos Korúbo.

A permanência do pesquisador entre os Korúbo foi-se intensificando, à medida que o seu conhecimento da língua nativa evoluía e aprendia a lidar com as adversidades inerentes à convivência com grupos indígenas de contato recente.

1.4 Os Akuntsú

O povo Akuntsú é remanescente de um genocídio ocorrido na última década do século passado organizado por fazendeiros da região do sudeste do Estado de Rondônia. No presente, os remanescentes Akuntsú vivem alternadamente em duas aldeias, localizadas na Terra Indígena Rio Omerê, onde também vivem três remanescentes Kanoê, que foram contatados aproximadamente na mesma época em que foram contatados os Akuntsú. Os remanescentes Akuntsú são Kunibú, cacique e pajé do grupo, sua esposa Aramíra, também chamada de Pugapía, e as duas filhas desta, Nanúj, também chamada de Txarúj, e Enotéj, também chamada de Kãní, os quais compartilham uma mesma casa nas duas aldeias; Ururú, a irmã de Kunibú, é a mais velha do grupo, e compartilha a mesma casa nas duas aldeias com Pupák, considerado por ela como seu filho. Na época do contato, o grupo Akuntsú era constituído de sete pessoas, que incluía, além das já mencionadas, uma menina que veio a falecer vítima da queda de uma árvore sobre a maloca em que dormia (Santos & Algayer, 1999 *apud* Aragon 2008).

A língua Akuntsú pertence à família lingüística Tuparí, do tronco Tupí, juntamente com as línguas Makuráp, Tuparí, Mekéns, Wayoró e Kepkiriwát (esta já morta). O Akuntsú inclui-se no grupo de línguas indígenas brasileiras faladas por menos de 20 pessoas e que são as que, presentemente, estão mais ameaçadas de extinção (ver Rodrigues neste volume).

A pesquisa lingüística da língua Akuntsú teve início em janeiro de 2005 e contou com a participação de duas das autoras do presente trabalho, Aragón e Cabral. Esta pesquisa vem sendo aprofundada por Aragón, sob a orientação de Aryon D. Rodrigues e Ana Suelly A. C. Cabral. As primeiras notas sobre a língua Akuntsú, fruto da primeira

viagem a campo, foi entregue à FUNAI em março de 2004, sob a forma de relatório técnico. Neste relatório, as autoras, além de fornecer informações etnográficas sobre o povo, identificam a língua Akuntsú como uma língua Tuparí independente das demais dessa família lingüística. Como mencionado por Aragón (2008), “... as 17 horas e 45 minutos de dados gravados junto aos Akuntsú que subsidiaram o estudo, foram fundamentais para a comparação do Akuntsú com várias outras línguas do Tronco Tupí, especialmente com línguas da família Tuparí (Tuparí, Wajoró, Mekéns e Makuráp).” Posteriormente foram publicados dois artigos sobre o Akuntsú, um sobre a posição do Akuntsú na família Tuparí (Aragon e Cabral, 2005) e outro sobre a classificação da língua Akuntsú (Gabas Jr., 2005). Aragon e Cabral (2005), com base em um estudo preliminar da fonologia segmental e de aspectos gramaticais da língua Akuntsú apresentam argumentos adicionais de que esta é uma língua independente dentro da família Tuparí, embora mais próxima do Mekéns, como haviam defendido estas autoras em seu relatório (cf. Cabral e Aragon, 2004). Outro estudo, de autoria de Aragon e Carvalho (no prelo) apresenta uma análise acústica das vogais do Akuntsú. Recentemente (janeiro de 2008) foi concluída uma dissertação de mestrado de autoria de Aragon, que apresenta uma análise fonológica e descreve alguns aspectos morfossintáticos da língua.

A pesquisa de campo da língua Akuntsú realizada entre 2004 e 2007 fez um total de 235 dias.

2. Peculiaridades da pesquisa lingüística com grupos isolados

2.1 Disponibilidades dos falantes nativos

A pesquisa lingüística com grupos de contato recente, diferentemente da pesquisa lingüística junto a grupos com contato intermitente com não-índios, caracteriza-se por uma série de limitações, principalmente: (a) a impossibilidade de sessões de eliciações sobre temas previamente definidos, orientados por procedimentos usualmente adotados na pesquisa de campo que objetiva a descrição lingüística; (b) a não regularidade das situações de gravação de dados lingüísticos. Essas limitações são principalmente decorrentes da situação de monolingüismo dos índios de contato recente. Somam-se a esse fator condições físicas adversas à pesquisa desenvolvida em outros contextos, assim como princípios éticos, cuja observância é exigida pela política oficial de contato adotada pelas Frentes de Proteção Etnoambientais, que procura minimizar interferências de pessoas externas na dinâmica sociocultural

quotidiana dessas comunidades. Ciente da necessidade de respeitar a privacidade e o ritmo natural do dia-a-dia desses grupos, resta ao pesquisador redimensionar a cada momento seus planos de trabalho de pesquisa, retardando-os e/ou reformulando-os em função das oportunidades surgidas durante sua permanência na área.

Citemos como exemplo das limitações da pesquisa lingüística junto a esses grupos a pesquisa que vem sendo desenvolvida entre os Zo'é. Durante a sua primeira ida à área Zo'é, Cabral não foi autorizada pelo então chefe do Posto para permanecer em aldeias. Duas vezes apenas pode pernoitar em uma casa Zo'é, mas na condição de estar acompanhada da esposa do chefe do Posto. A ida da pesquisadora à aldeia durante o dia era também condicionada à mesma companhia. Tendo que permanecer a maior parte do tempo na casa do Posto, exposta diariamente à língua portuguesa falada pelos quatro funcionários da FUNAI que atuavam na aldeia Keñã, a pesquisadora não pôde, naquela oportunidade, aproveitar o tempo de sua permanência na área para aprender a língua como desejado. Suas tentativas de aprender a língua e mesmo de gravar situações de fala, eram freqüentemente frustradas pela interferência do chefe do Posto, que, com a intenção de ajudar, fazia as vezes de intérprete e de professor, quando na realidade se comunicava com os Zo'é por meio de um "pidgin" bastante reduzido. Assim mesmo a pesquisadora conseguiu gravar 40 horas de dados lingüísticos em áudio, embora parte destas gravações contenham a superposição da voz do chefe do posto, ruídos vindos do rádio amador e interferências das conversas radiofônicas mantidas entre usuários da mesma freqüência usada no Cuminapanema.⁶

A pesquisa com a língua Zo'é só pode avançar a partir de 1998, quando a pesquisadora foi autorizada a retornar à área e a dar continuidade ao seu estudo. Seis anos depois de sua primeira ida ao Cuminapanema, a situação dos Zo'é havia mudado.⁷ Nesta nova fase os Zo'é passaram a viver um processo de retomada de sua dinâmica tradicional de usufruto do meio ecológico em que vivem, que é uma dinâmica caracterizada pela mobilidade geográfica, e que havia sido reprimida no período missionário e, embora em menores proporções, nos primeiros anos após a retirada dos missionários da área. Atualmente os Zo'é gozam de plena autonomia para ir e vir de uma aldeia para outra, e de se organizarem em pequenas comunidades de acordo com

⁶ Embora parte destes dados não tenha utilidade para fins de análises acústicas, são extremamente ricos, tanto do ponto de vista lingüístico e cultural, quando por registrar aspectos de um momento histórico importante vivido pelos Zo'é. Hoje, essas gravações têm um significado muito especial para o estudo de diferentes aspectos da língua Zo'é.

⁷ Em 1996 assumiu a chefia da frente o indigenista João Carlos Lobato, que, desde então, vem trabalhando no sentido de estimular os Zo'é a retomarem a sua dinâmica socio-cultural tradicional.

suas regras sociais e culturais. Para o pesquisador que atua entre os Zo'é, o planejamento de suas viagens a campo é condicionado pela presença de subgrupos Zo'é nas aldeias próximas à sede do posto. Mas também deve levar em conta vários outros fatores, como as condições de saúde dos Zo'é e a conveniência de sua presença com respeito à dinâmica da própria gerência da FUNAI na área.

Para dar uma idéia da mobilidade dos Zo'é e de como esta mobilidade faz uma diferença para aqueles que trabalham com grupos seminômades como os Zo'é, reproduzimos abaixo a tradução para o Português de um relato feito por Boj, um senhor de aproximadamente 35 anos, em 2000. O relato foi uma resposta à pergunta da pesquisadora “onde você mora?”:

“Minha morada é aqui. Lá, Paratýwa, é meu outro lugar de estar. Em Paratýwa há também morada minha. Aqui, (que é) meu lugar, começa a ter doença, então eu deixo esse lugar. Não presta, então eu vou para Pyrytý. Se lá tem doença, então eu fico aqui. Morrendo alguém lá (em Piritý), então aqui eu venho e fico. Então, para Paratýwa a gente foi novamente. Não estava prestando, então a gente foi para Piritý. Tinha doença em Piritý, aí a gente veio ficar aqui de novo. Teve doença naquele lugar, teve febre, então a gente voltou. Agora a gente vai para longe. Agora a gente vai fazer farinha. Agora eu vou para longe, aqui tem doença, aqui tem doença, depois eu volto novamente. Eu volto novamente aqui e fico. Aqui, de novo eu volto e fico. Não prestando, então a gente vai para longe. A gente vai de novo para as bandas de Nāhuhembá. Pelo Kjaré, a gente vai de novo. Se houver doença, ou se houver mordida de cobra, então lá não prestará, aí a gente vai para longe, por uma lua. A gente vai para longe por uma lua, a gente vai. Então, duas luas, não tendo doença, três luas, a farinha acabando, então eu volto outra vez. Farinha, então eu faço farinha para levar comigo. Havendo doença, então rapidinho (voltamos), ou tendo gripe, doença, ou tendo alguém caído de árvore porque estava brincando, soltou-se dela, caindo ou escorregando, então rapidinho o trazem de volta para ficar aqui e tratá-lo. Siñũ foi, então ele foi novamente. Siñũ foi, então ele foi para o Kjaré novamente, e ele veio para cá do Kjaré. Havendo doença, então rapidinho eu volto para minha casa. Tomando remédio, tomando remédio, então não tem mais doença. Então de longe, disseram pelo rádio (que) é para eu ir fazer casa nova. Tínhamos ido longe, quando o rádio falou. Aqui o rádio falou, tínhamos ido longe, quando o rádio falou. Siñũ foi, então disse, então teve doença, então Zo'é atravessou doente, e depois eu vim e fiquei aqui para tomar remédio, eu ia tomar remédio aqui, depois. Tomou-se remédio, tomou-se remédio, (então) a doença acabou, então foram de novo pra banda de Nāhuhembá. Com respeito ao Kjaré, eu fui (lá) novamente, não tendo doença, então a gente foi de novo para Nāhuhembá. Eu, aqui/agora, eu fico. Siñũ aqui fica, Namíhũ aqui fica, Xú aqui fica, Kurú aqui fica, (e) eu fico aqui também. Tubé fica aqui também. Aqui eu fico. Só os de Nārera que aqui não vêm, aqui. Só quando tem doença por lá é que eles vão à casa de tratamento e ficam por lá. A doença acabando, eles vão de volta para Nārera. só vêm Nārera. Depois, os Zo'é todos vão capinar de novo e não ficam onde estão. Aqui não ficam, os Zo'é. Eu é que fico mesmo. A terra, só depois eu vou capinar. (Depois) eu vou querer capinar. Estes daqui, (como) Siñú, capina, (mas) não permanece muito tempo. Ainda tem mandioca por aqui, ainda tem mandioca. Ainda não

acabou a mandioca, ainda não acabou. Aqui tem mandioca. Não acabou ainda a mandioca, depois, depois, depois (se) alguém morrer, Zo'é, então não vai ter mandioca."

Este depoimento mostra com clareza as dificuldades encontradas pelo pesquisador para fazer coincidir sua presença na área com a presença de famílias Zo'é nas aldeias próximas ao posto, de forma que esta seja produtiva para o seu trabalho. Já aconteceu de realizarmos uma ida frustrada a campo, por termos chegado à área exatamente quando as últimas famílias, que estavam temporariamente em aldeias próximas ao posto, estavam de partida naquela ocasião.

Embora os quatro grupos com que trabalhamos vivam em situações de semi-isolados, cada um deles representa uma realidade diferenciada. Os Akuntsú, diferentemente dos Zo'é são um grupo extremamente reduzido e suas duas únicas aldeias atuais estão relativamente próximas ao posto, e as condições de vida dos Akuntsú têm permitido à pesquisadora permanecer mais tempo entre os membros desse grupo e compartilhar mais intensamente do seu dia-a-dia.

A experiência com os Korúbo é também distinta. Os Korúbo contatados vivem hoje distribuídos em duas aldeias, mas pode ocorrer que todos se reúnam, por um dado período de tempo, em uma única aldeia. Saem freqüentemente para o mato, onde permanecem vários dias caçando ou praticando outras atividades e, embora tenham convidado o pesquisador que atua entre eles para algumas dessas saídas, nunca chegaram a insistir no convite na hora da partida. De forma que, mesmo tendo planejado uma permanência em uma aldeia Korúbo, o pesquisador pode não ter a oportunidade de encontrar o grupo. No caso dos Korúbo, não é ainda possível uma permanência mais longa do pesquisador entre eles, por medidas de precaução, tendo em vista a situação de conflito pré-contato, ainda muito recente, que ocasionou mortes de agentes da FUNAI, na época posterior ao contato.

A pesquisa entre os Guajá tem sido realizada com dois grupos que já mantêm um contato relativamente mais constante com pessoas externas à FUNAI, os grupos das aldeias Awá e Tiracambú, ambas localizadas próximas à Estrada de Ferro Carajás. Contudo, pouco difere das demais realidades descritas acima no que diz respeito à disponibilidade de ajudantes indígenas para a realização da pesquisa. Os Guajá têm suas atribuições cotidianas e costumam sair para a mata por períodos que podem durar de

uma semana a um mês. Mas mesmo quando todos estão em suas aldeias, já houve ocasião em que a pesquisadora permaneceu 10 dias sem poder contar com a ajuda dos Guajá na sua pesquisa, por estarem todos envolvidos em suas atividades cotidianas.

Dos contextos mencionados, a realidade dos Akuntsú é a mais favorável à permanência do pesquisador na aldeia, mas as condições físicas de trabalho são tão difíceis quanto o trabalho realizado em aldeias Zo'é e Korúbo. Deslocar-se do Posto para uma aldeia longínqua, em que se tem que caminhar durante um dia, atravessando várias pinguelas e subindo e descendo várias serras íngremes, com equipamentos de pesquisa e gêneros alimentícios, não é tão simples. Note-se que em áreas como essas não há carregadores de bagagens de pesquisador. O pesquisador leva apenas o que ele próprio pode carregar.

No caso da pesquisa de campo junto aos Akuntsú a pesquisadora pôde permanecer em aldeias pela acolhida que lhe foi dada pelo grupo, que a adotou como membro da família, de modo que passou a pesquisadora a ser confidente e aliada, ouvindo suas queixas e compartilhando suas emoções. O interesse da pesquisadora pela língua foi visto positivamente pelos Akuntsú; era alguém de fora que passava a viver com eles, e para quem passaram a ser professores de vários ensinamentos da cultura Akuntsú. A pesquisadora é também companheira de pesca e de caçadas dos Akuntsú e público fiel nas suas festas e rituais.

2.2 Condições físicas de realização de pesquisa em aldeias de índios com contato recente

A realização de pesquisa em aldeias de índios de contato recente dificilmente pode ter duração prolongada. Nessas aldeias não há postos da FUNAI, nem outro tipo de alojamento de não-índios, embora uma casa temporariamente desocupada possa eventualmente abrigar pesquisadores. A exceção é o trabalho entre os Guajá com contato já consolidado, em que, além dos postos da FUNAI, há casas de outros não-índios e espaços como os destinados a escolas. No caso da pesquisadora que atua entre os Akuntsú, durante o período em que permanece em aldeia, dorme em sua pequena barraca, de forma a não prejudicar a intimidade dos Akuntsú que dispõem de casas de tamanho suficiente para abrigar apenas os seus membros. Nas aldeias Korúbo, o pesquisador permanece com os índios e, como a pesquisadora dos Akuntsú, participa das atividades cotidianas dos índios, caçando, pescando e cuidando de roças com eles.

Costuma permanecer na maloca central, mas ultimamente tem sido convidado para ficar na maloca em que vivem três rapazes solteiros.

A pesquisadora que atua entre os Zo'é permanece na sede da Frente Etnoambiental, que dista entre 3 a 4 quilômetros de algumas aldeias ou residências individuais temporárias dos Zo'é. Quando coincide de os Zo'é estarem nestas aldeias, e tendo companhia para andar pelos caminhos da mata, a pesquisadora pode visitá-los duas vezes ao dia, o que pode ocorrer durante todo o período em que permanece na área. Dessa forma, a pesquisadora chega a permanecer entre seis a oito horas por dia em aldeias Zo'é. Além da possibilidade de realizar pesquisa nas aldeias, há frequentemente pessoas que vêm se medicar no ambulatório da Frente, ou no consultório do dentista, quando o profissional especializado encontra-se na área. As idas dos Zo'é à sede da Frente, com esses objetivos, podem ocorrer em diferentes horários do dia e da noite, o que permite à pesquisadora um contato cotidiano com os Zo'é e registro de diferentes situações de fala.

Eventualmente a pesquisadora permanece alguns dias em uma aldeia, especialmente na ocasião de festas, mas essa não é uma prática freqüente. Há sempre a possibilidade de que a permanência nas aldeias afete a privacidade das famílias Zo'é, além de expor os índios ao desejo de consumo de bens alimentícios e outros que não são recomendados para a saúde dos Zo'é. Há ainda outro fator fundamental que é aceitação ou não pelos Zo'é da presença demorada de outras pessoas em suas casas.

Em várias ocasiões, a pesquisadora ao chegar a uma aldeia Zo'é abreviou sua permanência por estarem os Zo'é ocupados em suas atividades e por darem sinais de não quererem estranhos compartilhando de sua intimidade.

2.3 A participação dos pesquisadores nas Frentes

Os pesquisadores que atuam nas Frentes não dispõem de todo o tempo que permanecem na área para a realização de suas pesquisas. Colaboram como qualquer outro funcionário da FUNAI na limpeza da casa, no preparo dos alimentos e devem estar sempre dispostos a colaborar no mais que for necessário. Nas Frentes não há faxineiros, nem preparos individuais de alimentos. Todos comem da mesma comida e dormem sob o mesmo teto. Se, por um lado, esta é a situação mais salutar de convivência em grupo, por outro lado, boa parte do tempo que o pesquisador passa na área é dividida entre os afazeres cotidianos da Frente e a sua pesquisa.

2.4 Outras peculiaridades da pesquisa entre grupos de contato recente⁸

Um dos pontos que mais diferencia a pesquisa lingüística junto a índios de contato recente da pesquisa realizada junto a grupos indígenas com contato intermitente é o fato de os primeiros serem monolíngües. Um pesquisador que desenvolve estudos junto a índios de contato recente tem primeiramente que adquirir um relativo grau de proficiência na língua nativa. Mas aprender uma língua que não conta com nenhuma descrição prévia, mesmo sendo esta língua pertencente a uma família bem documentada, e em condições como as que apontamos até aqui, é uma tarefa difícil. Para que sua pesquisa seja aprofundada e lhe permita avançar na descrição da língua estudada não basta deter conhecimento lingüístico e conhecimento de procedimentos metodológicos de pesquisa, nem apenas entender a língua nativa. O fundamental é poder comunicar-se através dela. E mesmo com um bom domínio da língua, é possível que não consiga tão facilmente dados importantes para fundamentar as hipóteses levantadas.

Durante a pesquisa em andamento junto aos Guajá, Magalhães teve grandes dificuldades na obtenção de dados para a descrição do modo Indicativo II. Este é uma das variedades do modo Indicativo, a variedade marcada, razão que levou Rodrigues (1953) a chamá-lo de modo Indicativo II. É encontrado na maioria das línguas da família Tupí-Guaraní já documentadas e, em predicados com núcleos que têm por base uma raiz verbal, estes não recebem prefixos pessoais próprios dos verbos no Indicativo I, mas se combinam com prefixos relacionais. Os prefixos relacionais marcam no tema que flexionam a contigüidade ou a não contigüidade do determinante deste (Rodrigues 1981). Predicados nesse modo e que têm por núcleo uma raiz nominal, também são flexionados por esses prefixos e os dois tipos de predicado são ainda flexionados por sufixo próprio do modo Indicativo II. Este modo é acionado pela anteposição ao predicado de uma expressão adverbial (Rodrigues 1953, 1981).

Como na língua Guajá expressões adverbiais ocorrem mais freqüentemente em posição pós-predicado e menos freqüentemente na posição de tópico, que é a posição

⁸ Os símbolos e abreviaturas usados nos exemplos das línguas Zo'é e Guajá apresentados neste estudo são: AT2 = atestado II; causc = causativo comitativo; II; DUB = dubitativo; enf = enfático; IMPERF = imperfectivo; INDII = modo indicativo II; INT = intencional; ints = intensificador; LOC = locativo; MOSTR = mostrativo; N = caso nominal; PERM = permissivo; PROJ = projetivo; R¹- = prefixo relacional que marca a contigüidade do determinante; R²- = prefixo relacional que marca a não contigüidade do determinante; 1 = primeira pessoa; 2 = segunda pessoa.

inicial da sentença, durante as sessões de pesquisa, os dados elicitados fora de contextos naturais de fala eram praticamente todos no modo Indicativo I. Isso ocorria mesmo quando a pesquisadora dava como estímulo exemplos em Português, em que uma expressão adverbial precedia o predicado. Os dados procurados só foram encontrados em textos, o que não é surpreendente, mas que confirma a dificuldade na obtenção de dados específicos junto a índios monolíngües, ou que ainda possuem nível de bilingüismo incipiente. Mesmo tendo o pesquisador domínio relativamente bom da língua indígena, como é o caso de Magalhães.

As dificuldades sentidas por Magalhães acentuavam-se quando surgiam dados que fugiam aos padrões conhecidos nas línguas Tupí-Guaraní documentadas até o presente. Como descrito por Magalhães (2007), o modo indicativo II, diferentemente das demais línguas Tupí-Guaraní conhecidas, ocorre em todos os tipos de predicado, desde que o sujeito seja de terceira pessoa. O núcleo do predicado é marcado pelos prefixos relacionais e pelo sufixo *-ri ~ -ni*. Não foi observado o modo indicativo II em predicados negados, o que não é incomum em línguas Tupí-Guaraní setentrionais. Reproduzimos em seguida a exemplificação do modo Indicativo II em Guajá, conforme a descrição de Magalhães (2007), por ele se distinguir interessantemente do modo indicativo II em outras línguas Tupí-Guaraní.

Segundo Magalhães, o modo indicativo II ocorre em predicados que têm como núcleo verbos transitivos, verbos intransitivos, adjetivos, nomes concretos e demonstrativos. Exemplos de diferentes tipos de predicados no modo Indicativo II são os seguintes:

Predicados transitivos

- 1) *amõ mehẽ kará-a are = Ø-rú-ri*
 outro quando não.índio-N 123 = R¹-trazer-INDII
 ‘e então outro dia o não-índio nos trouxe’
- 2) *terẽ Ø-pepé ha-xá-ri*
 trem R¹-dentro R²-ver-INDII
 ‘viu-o dentro do trem’
- 3) *mõ Kará ka’á Ø-jaký-ni mĩ-na’á-pe*
 INT não.índio Mato R¹-mexer-INDII Onde-DUB-LOC
 ‘onde será que o não-índio está mexendo na mata?’
- 4) *mõ inami’ĩ-a Ø-xu’ú-ni mĩ-pe*

INT jararaca-N R²-morder-INDII onde-LOC
'onde a jararaca o mordeu?'

Predicados com verbos intransitivos:

- 5) *mõ i-hó-tá-ni mĩ-pe*
INT R²-ir-PROJ-INDII onde-LOC
'para onde ele vai?'
- 6) *mõ Kamairú i-hó-ni mĩ-pe*
INT Kamairú R²-ir-INDII onde-LOC
'para onde Kamairú foi?'
- 7) *i-ka'á r-ehe kamará i-'ĩ-ni*
R²-mata R¹-sobre índio R²-falar-INDII
'sobre a mata deles os índios falaram'

Predicados estativos

- 8) *mõ kararahú i-kirá-ni mimehẽ*
INT paca R²-gordo-INDII quando
'quando a paca vai estar gorda?'
- 9) *amẽ kahú r-apé i-kỹ-ni nĩ*
PERM carro R¹-caminho R²-seco-INDII INTEN
'deixa a estrada ficar seca!'

Em predicados existenciais

De acordo com Magalhães, em Guajá, nomes em função de núcleos de predicados existenciais, ou demonstrativos que os substituam, também podem receber o sufixo que marca o modo indicativo II:

- 10) *kwá kwarahý-ni mĩ-pe*
MOSTR sol-INDII lá-LOC
'lá está o sol'
- 11) *kwá amõ-ni 'á-pe araka'í xĩ*
MOSTR outro-INDII lá-LOC AT2 IMPERF
'tinha outra lá há muito tempo'

A pesquisa realizada entre os Zo'é, embora já bastante avançada, ainda possui muitas lacunas decorrentes da falta de condições para a averiguação de hipóteses já levantadas. Como a pesquisa se fundamenta em dados de falas quase que exclusivamente

espontâneas, as possibilidades de obtenção imediata de dados específicos são raras. Tudo depende das oportunidades. Muitas das tentativas de obtenção de dados por meio de eliciações foram frustradas, pois há entre os Zo'é a preferência, por associar, o que se pode dizer, ao mundo real em andamento no ato da fala. Uma das dificuldades vivenciadas pela pesquisadora, ao longo de sua pesquisa entre os Zo'é, tem sido reunir dados que fundamentem uma descrição adequada das situações em que ocorre o que tem sido chamado na literatura Tupí-Guaraní de modo subjuntivo. Este modo é expresso em predicados que têm por núcleo uma raiz verbal ou nominal, e que correspondem a uma circunstância temporal ou condicional. Esses predicados se combinam com prefixos relacionais e com sufixo próprio do modo subjuntivo. Em Zo'é esse tipo de construção morfológica, embora ainda ocorra, é pouco freqüente, tendo sido praticamente substituído por construções no modo indicativo. No Zo'é, diferentemente do Guajá, mas em concordância com as demais línguas do mesmo sub-ramo, o modo indicativo II desapareceu completamente, sobrevivendo apenas o que em outras línguas corresponde ao modo indicativo I, ou seja, o modo em que predicados verbais têm seus núcleos flexionados por prefixos pessoais subjetivos (quando o objeto é de terceira pessoa), objetivos (quando o objeto é de segunda pessoa e o sujeito de primeira pessoa), ou por prefixos relacionais (quando o objeto é de primeira ou segunda pessoa e o sujeito de terceira pessoa). Assim, em Zo'é, construções como “se você for, eu vou” têm predominantemente a forma:

12) *erehá, a'é ahá nãwẽ*
 ere-há a'é a-há dowẽ
 2-ir então 1-ir também'
 'você vai, então eu vou também'

13) *erédziwýdziahpĩ a'é ẽnẽ erúrí'é*
 ere-jiwít-jiapít a'é ẽdẽ ɛɛ-r-úr-í 'é
 2-voltar-novamente então 2 2-causc-vir-ints enf
 'você volta novamente, então você o traz impreterivelmente mesmo'

Nessas construções, as duas orações são pronunciadas com contorno melódico especial. Mas é também possível obter-se a mesma relação de subordinação sem o morfema *a'e*. Neste caso, a relação de dependência é marcada apenas pela ordem das sentenças, em que a condicionante precede a condicionada, além do contorno melódico especial de cada uma delas.

Embora a expressão de condição marcada morfologicamente tenha frequência bastante baixa, as situações discursivas em que ocorre ainda não foram devidamente reconhecidas. Conta-se com a obtenção de um maior número de dados que representem situações discursivas mais diversificadas para que a distribuição dos dois tipos de estruturas possa ser satisfatoriamente descrita.

Não basta perguntar aos Zo'é se eles usam ou não essa ou outra construção, nem apresentar-lhes exemplos para testar a validade destes. Em várias situações os Zo'é reagem aos exemplos apresentados dizendo “isso não é bom, porque Zo'é não disse isso, ou não está fazendo isso”. De toda forma, para uma descrição realística, há que se esperar por oportunidades que ensejem a ocorrência espontânea de dados que expressem a realidade da língua.

3. Observações finais

Neste artigo apresentamos fatos que ilustram várias das dificuldades encontradas por pesquisadores que estudam línguas de grupos indígenas de contato recente. Embora algumas das dificuldades apontadas sejam experimentadas também por pesquisadores que estudam línguas indígenas faladas por grupos que mantêm contato intermitente com não-índios e que detêm um grau de proficiência adiantado do Português, as dificuldades da pesquisa em contextos de índios de contato recente são maiores e mais complexas. A idéia de relatar algumas dessas dificuldades surgiu principalmente da necessidade de esclarecer o porquê da duração mais prolongada da descrição das línguas faladas por esses grupos. A idéia foi também motivada pela necessidade que sentimos de ressaltar a importância de investir-se na formação de jovens pesquisadores universitários para o trabalho de descrição lingüística junto a grupos indígenas de contato recente. É um investimento que beneficia o crescimento da pesquisa científica das línguas indígenas no Brasil, contribuindo para uma nova geração de lingüistas brasileiros que, desde cedo, aprendem na prática a superar as dificuldades e a adquirir a responsabilidade por um trabalho de descrição lingüística de grande relevância científica e social. Esses jovens têm a oportunidade de ser ajudados por seus orientadores e por indigenistas comprometidos com a ética e com o respeito aos povos indígenas do Brasil. Três dos autores deste estudo, Magalhães, Aragón e Oliveira, iniciaram suas pesquisas de campo com idade entre 19 e 22 anos, ainda na graduação, depois de dois anos de iniciação científica no Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília.

Referências bibliográficas

- ARAGON, Carolina C. *Fonologia e aspectos morfológicos e sintáticos da língua Akuntsú. Dissertação*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, 2008.
- ARAGON, Carolina C., e CABRAL, Ana Suelly A. C. Akuntsú, the language of the survivors of a Genocide. Trabalho apresentado durante o I Encontro Internacional sobre Línguas e Povos Tupi, Universidade de Brasília, 4-8 de outubro, 2004.
- ARAGON C. e Fernando O. Carvalho. (no prelo). Análise acústica das vogais orais da língua Akuntsú. *Revista da ABRALIN*, 2008.
- CABRAL, Ana Suelly A. C. Algumas evidências lingüísticas de parentesco genético do Jo'é com as línguas Tupí-Guaraní. *Moara, Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras* 4:47-76. Belém, UFPA, 1996a.
- _____. Notas sobre a fonologia segmental do Jo'é. *Moara, Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras* 4:23-45. Belém, UFPA, 1996b.
- _____. A propósito das oclusivas sonoras do Jo'é. *Moara, Revista dos cursos de Pós-Graduação em Letras* 9:53-71, Belém, UFPA, 1998.
- _____. Fonologia da Língua Jo'é. *Universa, Revista da Universidade Católica de Brasília* 8.3:571-596. 2000.
- _____. Observações sobre a história do morfema -a da família Tupi-Guarani. In: F. Queixalós. (org.), *Des noms et des verbes en tupi-guarani: état de la question*. Muenchen: Lincom-Europa, p. 133-162, 2001a.
- _____. O desenvolvimento da marca de objeto de segunda pessoa plural em Tupí-Guaraní. In: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral; Aryon Dall'igna Rodrigues (orgs.), *Estudos sobre línguas indígenas*. Belém: Gráfica Universitária/UFPA, p. 117-145, 2001b.
- _____. Observando uma situação de contato lingüístico: o caso do povo Zo'é. Trabalho apresentado durante o II Encontro de Lingüística Aplicada da Região Centro-Oeste, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005a.
- _____. Potencialidade de mudança gramatical numa situação de contato incipiente: o caso da língua Zo'é. Trabalho apresentado durante o I CIPLA - Congresso Internacional de Políticas Linguísticas da América Latina, João Pessoa, 2005b.
- _____. As categorias nome e verbo em Zo'é. In Cabral, Ana Suelly A. C.; Rodrigues Aryon D. (orgs.), *Línguas e Culturas Tupí*. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, p.241-257, 2007a.
- _____. Ordem de palavras em Zo é. Pesquisa e documentação lingüística entre um grupo monolíngüe. Trabalho apresentado durante o II Encontro Internacional sobre Línguas e culturas Tupí, Universidade de Brasília, Brasília, 2007b.
- _____. Algunes consideracions sobre la llengua zo'é. *Marc de Referències*, Barcelona, p. 32 - 34, 1 jan. 2008.
- CABRAL, Ana Suelly A. C., e ARAGON, Carolina C. Relatório de identificação lingüística da língua Akuntsú, Departamento de Índios Isolados, Fundação Nacional do Índio, Brasília (ms). 2004a.
- CABRAL, Ana Suelly A. C., e Carolina C. Aragon. A posição da língua Akuntsú na família lingüística Tuparí. In: *Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN*, p 1533-1539 (www.abralin.org.br), 2005.
- CABRAL, Ana Suelly A. C.; RODRIGUES, Aryon Dalligna. O desenvolvimento do gerúndio e do subjuntivo em Tupí-Guaraní. In: Aryon Dall'igna Rodrigues; Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (orgs.), *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: Editora da UnB, p. 47-58, 2005.
- CABRAL, Ana Suelly A. C.; SILVA, Beatriz C. C. da; JULIÃO, Risoleta; MAGALHÃES, Marina Maria Silva. Linguistic diffusion in the Tocantins-Mearim area.

- In: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral; Aryon Dall. Rodrigues (orgs.), *Línguas e culturas Tupí*. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, p. 357-374, 2007.
- CASPAR, Franz. A aculturação da tribo Tuparí. *Revista de Antropologia*, vol. V, n. 2, p. 145-171, 1957.
- CASPAR, Franz. *Tuparí (entre os índios, nas florestas brasileiras)*. Tradução de M. N. de Sousa Queiroz, São Paulo: Edições Melhoramentos, 1958.
- CUNHA, P. *Análise fonêmica preliminar da língua Guajá*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 1987.
- ERIKSON, Philippe. "Los Mayoruna." In Fernando Santos and Frederica Barclay (eds.), *Guía Etnográfica de la Alta Amazonía*, Volumen 2, 1-127. Quito, Ecuador: Flacso-Sede, 1994.
- FLECK, David W. *A Grammar of Matses*. Tese de Doutorado, Rice University, Huston, Texas, 2003.
- FLECK, David W.; FERREIRA, Rogério Vicente. Languages in the Mayoruna subgroup of the Panoan family, 2004 (ms).
- FRANCISCATO, Rieli. *Relatório sobre massacre de índios Korubo, ocorrido em 1995*, FUNAI, Ministério da Justiça, 2000.
- GABAS, Nilson. J. . Classificação da língua Akuntsú. In: *Estudos Lingüísticos XXVI*. p. 105-110, 2005.
- HAVT, Nadja B. *Representações do ambiente e territorialidade entre os Zo'é/PA*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2001.
- DIONÍZIO, Augusto B. S. *Aspectos da fonologia da língua Zo'é*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2003.
- GALLOIS, Dominique T. *A arca dos Zo'e*. 1993.
- GALLOIS, Dominique T.; HAVT, N. Relatório de identificação da TI Zo'é. FUNAI, 1998.
- MAGALHÃES, Marina M. S. *Aspectos fonológicos e morfossintáticos da língua Guajá*. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, 2002.
- _____. Harmonia vocálica como processo desencadeador de mudanças estruturais na língua Guajá. *Estudos da Língua(gem)*, vol. 4, n. 2, p. 67-75, 2006.
- _____. Pronomes e prefixos pessoais na língua Guajá. In: Aryon D. Rodrigues; Ana Suelly Arruda Camara Cabral. (orgs.), *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: UnB, p. 141-151, 2005.
- _____. O gerúndio em Guajá. In: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral; Aryon Dall'Igna Rodrigues (orgs.), *Línguas e culturas Tupí*. Campinas: Curt Nimuendajú, p. 349-355, 2007.
- _____. Sobre a morfologia e a sintaxe da língua Guajá. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- RODRIGUES, A. D. *Análise morfológica de um texto Tupí*. Logos, ano VII, nº 15, p. 56-77, Curitiba, 1952.
- _____. Morfologia do verbo tupí. *Letras*, nº 1, pp. 121-152. Curitiba, 1953.
- _____. Estrutura do Tupinambá, 1981 (ms).
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna ; CABRAL, Ana Suelly A. C. Revendo a classificação interna da família Tupí-Guaraní. *Línguas Indígenas Brasileiras: Fonologia, Gramática e História*. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho de Línguas Indígenas da ANPOLL. Belém: EDUFPA, p. 327-337, 2002.
- SANTOS, Marcelo dos, e Altair Algayer. 1999. Relatório Técnico (ms).
- VALADÃO, Virgínia. Relatório de Avaliação – Área Indígena Igarapé Omerê. São Paulo, 1986 (ms).
- _____. Relatório Antropológico 2, 1995 (ms.).
- _____. Os índios ilhados do Igarapé Omerê. In: RICARDO, Carlos Alberto (org.), *Povos Indígenas no Brasil: 1991-1995*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1996.

